



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9005 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Currículos-performance: Práticas de desejos no Tinder

Alcidesio Oliveira da Silva Junior - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

CURRÍCULOS-PERFORMANCE: PRÁTICAS DE DESEJOS NO *TINDER*

Resumo:

Na ampliação do pedagógico impulsionada pelos Estudos Culturais, essa pesquisa volta-se para as práticas no aplicativo de paquera Tinder, visando analisar as lições empreendidas pelos jogos imagéticos entre homens escolhidos para figurarem no *Top Picks* ("Principais Escolhas"). As regularidades percebidas foram descritas no que chamo "currículo-performance", materializado no Corpo Boy Magia, Corpo Ostentação, Corpo Bem Estar e Corpo Novinho, reiterações de normas desejadas entre os homens na produção de si.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Currículo; Performance; Tinder.

Introdução

A montagem precisa ser perfeita. Luz, enquadramento da câmera, roupa impecável, sorriso no rosto. Angustiado pela possibilidade de mais um sábado sozinho, *ele*^[1] investe, mais uma vez, na criação de um perfil no aplicativo de paquera Tinder. Esperançoso, doa-se por completo aos olhos famintos, perscrutadores, classificadores que cruzam as noites lascivas na procura incansável por corpos perfeitos, delineados, jovens, viris...*Ele* não se importa. Inserido no microtexto daquele universo, lança-se sedento nas mesmas águas.

Por meio de uma etnografia virtual de oito meses no Tinder (2019-2020), fruto de uma pesquisa de Mestrado (Autor), busco nesse texto descrever e analisar as lições empreendidas pelos jogos imagéticos entre homens escolhidos pelo aplicativo para figurarem no *Top Picks*, a seção dedicada aos perfis sugeridos pelos algoritmos aos usuários cadastrados. Como metodologia, escolho a análise cultural inspirada nos Estudos Culturais da Educação, nas teorias pós-críticas de currículo e nos Estudos da Performance para refletir em torno dos *currículos-performance* operados por corpos que reiteram certas regularidades, compondo um quadro que inclui (e logo exclui) determinados homens.

Como uma grande vitrine online com os produtos mais desejados do mercado, me pergunto: Quais corpos podem figurar no *Top Picks*? Quais processos de (des)valorização esses corpos revelam? Que significados se movimentam produtivos e regulares nas imagens escolhidas? Reflito aqui, junto com Miskolci (2015, p. 69), "como o uso das mídias digitais expõe usuários a modelos regulatórios sobre como ser, a quem desejar e o que fazer". Nos próximos pontos, argumento que quatro lições podem ser tiradas dos jogos pedagógicos do

Tinder: 1) aprenda a se exibir! Por meio do *Corpo Boy Magia*; 2) aprenda a ostentar! Por meio do *Corpo Ostentação*; 3) aprenda a cuidar do corpo! Por meio do *Corpo Bem Estar*; e 4) aprenda a ser jovem! Com o *Corpo Novinho*.

Quando o cultural torna-se pedagógico...

São muitas as interpelações cotidianas, especialmente oriundas das mídias, que nos provocam a pensar as formas como determinados grupos/identidades/modos são representados e reiterados nos discursos contemporâneos. Conceber a cultura como um campo de disputas constantes pelos significados hegemônicos é também destacar o seu viés pedagógico, as múltiplas práticas de governmentação que se espalham no tecido social. *Cultura* deixa de ser entendida apenas como um repositório do legado de uma humanidade, uma zona neutra de mero investimento estético ou a produção de uma elite intelectual, discursos comuns antes da emergência dos Estudos Culturais na Inglaterra (CEVASCO, 2003), para entrar em um processo de rasura, de negociação, “de produção circulação e consumo de significações” (CANCLINI, 2015, p. 43).

Com Silva (2017, p. 139), aprendemos que “através dessa perspectiva, ao mesmo tempo em que a cultura é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural: o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural”. Abrem-se fendas nos conceitos modernos de cultura e de pedagogia, sendo esta um corpo agonizante se for vista apenas em uma perspectiva datada, autocentrada em uma racionalidade questionada, cuja morte anunciada por alguns/as poderá ser revista diante de uma “reconfiguração discursiva” (LIMA, 2019).

Entendo que uma dessas reconfigurações discursivas dá-se por meio das teorias pós-críticas com suas “substituições, rupturas e mudanças de ênfases em relação às pesquisas críticas” (PARAÍSO, 2004, p. 284). Um tornado de problematizações e questionamentos que trazem vida ao campo da Educação. Sob o viés das teorias pós-críticas, no nosso caso, do campo curricular, acentua-se o “reconhecimento de que no mundo contemporâneo novas configurações culturais têm concorrido com a escola pelo privilégio sobre a educação das pessoas” (MAKNAMARA, 2011, p. 50).

Se “diversificados espaços e artefatos culturais estão hoje implicados tanto nas formas como as pessoas pensam e agem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca como nas escolhas que fazem e nas maneiras como organizam suas vidas” (COSTA; ANDRADE, 2015, p. 845), quaisquer intenções de desvelar a natureza dos indivíduos se esvai como areia, pois a produção dos sujeitos se dá de forma reiterada, intensa, cotidiana, jamais uma obra finalizada. Compreendo que as identidades se produzem de forma relacional, em meios às diferenças. Logo, gênero e sexualidade, assim como tantas outras identidades sociais, se produzem em meio às práticas sociais discursivas, em meio aos jogos de linguagem e aos rituais de socialização no mundo.

Uma pose, sorriso, camisa de marca e... *flash!* A performance como currículo

Performance. Palavra de origem inglesa tomada do verbo *to perform* que significa

“realizar, completar, efetivar” e derivada do francês *parfournir* (fornecer, providenciar). Sabendo da potência realizadora da linguagem, inicio esse ponto com aquilo que a palavra *performance* traz no seu jogo de sentidos. Como formas reiteradas e materializadas de discursos que atravessam de forma produtiva o campo social, os Estudos da Performance dão centralidade ao corpo, às interações que se dão nos mais diversos esquemas da sociedade. Questiona-se, pois, as ideias de essência ou de natureza dos indivíduos, emergindo a provisoriade dos atos cotidianos como imersos em seu contexto histórico. Para Schechner, em entrevista a Icle e Pereira (2010, p. 34, grifo dos autores), “performance não trata sobre *saber* de uma vez por todas o que é isso tudo. Performance é, por definição e por prática, provisória, em construção, processual, lúdica: da segunda a enésima vez”, e completa, “não existe o original, nada como uma fonte que pode ser buscada, encontrada [...] gênero, raça, identidade pessoal – tudo isso está sempre e desde sempre em jogo”.

Após essas considerações importantes, fica mais nítida a proposta de pensar os corpos dos homens que se exibem no Tinder como *currículos-performances*. Corpos que (se) subjetivam por meio dos olhares, dos encontros, das explícitas marcas de (in)(ex)clusões e que “tanto ‘produzem conhecimentos quanto são produzidos por eles” (PAZ, 2020, p. 18). Ou seja, uma leitura que reflete o currículo “não como o que está [apenas] pré-escrito, mas como algo que está em constante escritura por meio das relações que se estabelecem entre os saberes e os corpos que habitam e atuam no espaço escolar” (PAZ; ICLE, 2020, p. 09). Indo além dos espaços institucionais de educação, percebo que as composições de corpo que se materializam nas mídias operam como atos subjetivadores (de si e do outro) que se referem à autoestima, formação de gostos, produção de desejos, etc. A seguir, traço as quatro lições do currículo-performance do *Top Picks* do Tinder por meio das regularidades dos corpos encontrados na etnografia empreendida.

A primeira lição, “*Aprenda a se exhibir!*”, manifesta-se por meio do **Corpo Boy Magia**, fruto da notória quantidade de homens que se exibem através dos *selfies* que “[...] emergem com ímpeto em uma sociedade da supervalorização das imagens, da modificação de si com base no olhar do outro e do culto à beleza” (Autor). Para Sibilia (2018), vivemos sob o regime da *extimidade*, provocada por uma espetacularização da intimidade e da vida privada. Segundo Couto (2015, p. 164), “a condição da vida atual é essa do sujeito cada vez mais conectado, estimulado a falar de si, a narrar intimidades, publicizar alegremente seu eu em constante metamorfose”. O Corpo Boy Magia é aquele que aprende a se exhibir, se destacar por meio de experimentações de autoprodução imagética, no que Zago, Guizzo e Pereira (2018) chamam de *pedagoselfies*.

A segunda lição é “*Aprenda a ostentar!*” que se materializa no **Corpo Ostentação**, na exibição dos usuários em carros de luxo, viagens, roupas de marcas, dentre outras signos que performatizam *status*, um dos códigos de virilidade dos “grandes-homens”, como argumenta Welzer-Lang (2001). Riqueza, status, sucesso, fazem parte, pois, dos processos educativos que dotam de tónus as pedagogias de masculinidade.

O **Corpo Bem Estar** é a manifestação da terceira lição “*Aprenda a se cuidar!*”. Sarados, delineados, esportistas, aventureiros, os homens destaques do Tinder exibem práticas bio-ascéticas (ORTEGA, 2005, p. 155), ou seja, “ações individuais [que] passam a ser dirigidas com o objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude, etc.”

Por fim, a lição “*Aprenda a ser jovem!*” superabunda os perfis escolhidos por meio do **Corpo Novinho**, um corpo sem rugas, ninfeto, que atíça o mercado de consumo pornográfico gay com suas categorias de desejo. Um processo que Morelli e Pereira (2018) chamam de “pornificação do corpo masculino” e que operam como pedagogias da sexualidade na

produção dos desejos homoeróticos.

Conclusões

As quatro lições que procurei descrever em meio às regularidades das práticas culturais do Tinder materializadas no Corpo Boy Magia, Corpo Ostentação, Corpo Bem Estar e Corpo Novinho, sinalizam que os currículos-performance são movimentos de significados incorporados que operam sobre si e sobre o outro em constantes redes afetivas. Com base nos Estudos da Performance, aqui trata-se “de compreender o corpo não como receptáculo, tampouco como instrumento para atividades mais dignas e nobres, como o pensamento, mas pensar o corpo como o protagonista do ato que ele mesmo protagoniza” (ICLE, 2013, p. 21).

Nos meses em que empreendi a etnografia no Tinder, compreendi como o aplicativo reforça estereótipos, em especial da cultura homoafetiva, e incita seus usuários a exercitarem modos de autoconstrução dos seus corpos e dos seus desejos. O *Top Picks* configura-se como um repertório de aprendizagens, uma vitrine de experiências imagéticas subjetivadoras. Para Zago (2016, p. 116), “trata-se, portanto, de uma relação entre subjetividade e corpo que visa traduzir na carne as informações pertinentes sobre o indivíduo: o corpo é a grade de saberes mais relevantes sobre aquilo que somos”. Exibição, *glamour*, corpos sarados e jovens tornam-se, pois, características desejadas e supervalorizadas pelo próprio aplicativo, retroalimentado políticas de desejo e delineados padrões de beleza.

Referências

Autor (Referência suprimida).

CANCLINI, Néstor García. A cultura extraviada nas suas definições. *In*: CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015, p. 35-54.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. Boitempo Editorial, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na confluência entre educação e comunicação, as pedagogias contemporâneas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843-862, 2015.

COUTO, Edvaldo de Souza. **Educação e redes sociais digitais**: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade. *Em aberto*, Brasília v. 28, n. 94, p. 51-61, jul./dez. 2015.

ICLE, Gilberto. Da performance na educação: perspectivas para a pesquisa e a prática. *In*: PEREIRA, Marcelo de Andrade (org.). **Performance e Educação**: (des)territorializações pedagógicas. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2013, p. 09-22.

LIMA, João Francisco Lopes de. A morte da Pedagogia? Os fundamentos modernos na educação escolar frente aos desafios da pós-modernidade numa perspectiva histórico-filosófica. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 61, p. 844-861, abr./jun. 2019.

MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, gênero e nordestinidade**: o que ensina o forró eletrônico? Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

- MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, v. 44, p. 61-90, 2015.
- MORELLI, Fábio; PEREIRA, Bruno. A pornificação do corpo masculino. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 187-203, jan./abr. 2018
- ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. *In*: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005, p. 139-173.
- PARAÍSO, Marlucy. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 283-303, mar./ago. 2004.
- PAZ, Luciana Athayde; ICLE, Gilberto. Currículo-documento, currículos-performance. **EDUR – Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, 2020.
- SCHECHNER, Richard; ICLE, Gilberto; PEREIRA, Marcelo de Andrade. O que pode a Performance na Educação? Uma entrevista com Richard Schechner. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, p. 23-35, mai./ago. 2010.
- SIBILIA, Paula. Las tecnologías no son inocentes. **Puntoedu – PUCP**, 23 jul. 2018. Disponível em: <https://puntoedu.pucp.edu.pe/entrevistas/las-tecnologias-no-son-inocentes/>. Acesso em: 29 maio 2020.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.** [online], v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.
- ZAGO, Luiz Felipe. Gênero, sexualidade e corpo-currículo na sociabilidade de um site de relacionamento gay. **Em aberto**, Brasília, v. 29, n. 95, p. 109-120, jan./abr. 2016.
- ZAGO, Luiz Felipe; GUIZZO, Bianca Salazar; PEREIRA, Evelyn Santos. Pedagoselfie: os significados do corpo e da imagem na produção de autorretratos entre jovens meninas. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas/SP, v. 20, n. 4, p. 1096-1116, out./dez. 2018.

[1] *Ele* pode ser eu, você ou qualquer outro que se aventura nas redes de desejos dos aplicativos de paquera.